

ROLLING STONE

Cr\$ 2,00

Nº 29



CHICO BUARQUE
CIRCUITO
UNIVERSITÁRIO



MEIO DIA COM CHICO BUARQUE NO FUNDÃO



Seguindo as pegadas de Vinícius, Marília Medalha e Toquinho, Chico Buarque começou a percorrer o circuito universitário, tendo já se apresentado em vários Estados, encontrando sempre a maior receptividade por parte dos estudantes.

Para acompanhá-lo numa dessas apresentações, procurei o Benil Santos, empresário responsável pela organização do circuito.

No escritório, o Benil me falou com empolgação deste trabalho que conseguiu realizar, promovendo a idéia junto aos Diretórios Acadêmicos das Universidades. Ao mesmo tempo, me sugeria uma ida, no dia seguinte, ao Fundão, onde o Chico e o MPB-4 iriam se apresentar pela primeira vez, durante a manhã, já que as outras apresentações eram sempre à noite. Me chamou a atenção para um fato que acontecia com frequência nas outras apresentações: depois do show, os estudantes sempre cercam o Chico para um bate-papo, e no final acabam acertando um jogo de futebol de salão que o Chico e o MPB aceitam com prazer.

Na manhã seguinte, compareci à casa do Chico, lá na Lagoa, um edifício de tijolos aparentes, cobertura.

Encontrei-o tomando uma cerveja, já preparado para sair. Junto, os rapazes do MPB, com exceção do Magro, que tinha ido na frente.

Acompanhei-o no carro do Tito, secretário do Benil, e as perguntas iam surgindo naturalmente, durante o percurso:

— Chico, como é que tem sido o Circuito?

— Bom, os auditórios estão sempre cheios e somos muito bem recebidos.

— E como é que você tem sentido os universitários? Muita necessidade de comunicação? O Benil me falou que em quase todas as apresentações eles lhe procuram para debates.

— Muita necessidade de informação, você sabe como é, principalmente os das cidades do interior que ficam quase que completamente alheios a tudo o que acontece em termos de cultura. (Não quis forçar a barra fazendo muitas perguntas, porque já conheço o temperamento do Chico, muito caladão e tímido, principalmente em relação a entrevistas. Permanecemos conversando a respeito de muitas coisas, mas sem criar uma situação de entrevista. Rimos muito quando o Tito mostrou a Última Hora com uma declaração do Waldick Soriano: — Sou muito melhor que o Chico Buarque. Depois disso, só um comentário triste, partindo de nós três quando passamos em frente a uma fa-

vela já chegando no Fundão).

Faculdade de Arquitetura — Universidade do Fundão.

Tudo na mais perfeita organização, os estudantes controlando as entradas e nos dando sinal aberto: — Tudo certo, Chico, é só começar.

O auditório lotado, as pessoas sentadas no chão e a voz do Chico se sobressaindo às do MPB-4:

Quem me pressente calado, distante garante

que eu não sei cantar;

Tô me guardando pra quando o carnaval chegar...

Daí pra frente, ele canta todo o seu repertório, passando por *Funeral de um Lavrador* até às músicas mais recentes que o auditório acompanha num coro lindo de quase três mil vozes. Ele bisá o *Rockbaió* que as pessoas cantam e dançam numa imensa alegria, e a apresentação termina em festa.

Durante o show, uma piada:

— A censura? Até que ela é muito minha amiga. Vive me convidando para apresentações particulares e, quando eu não vou, eles até mandam um carro com chofer e tudo me buscar.

Fico esperando que Chico converse com os estudantes e na volta arrisco mais algumas perguntas:

— Chico, você acha um caminho, ou pelo menos uma tendência sadio o rock para a música brasileira? No Festival Internacional da Canção, os participantes manifestaram uma tendência muito acentuada a misturar rock com baião.

— Se é sadio, eu não sei. Eu acredito que tudo que seja bem feito seja sadio.

— E você, o que acha do rock?

— O meu caso é samba, você sabe como é, eu nasci nisso. Agora o rock eu também gosto. Não sei cantar, mas quando eu era garoto dancei muito rock. É gostoso.

— Seria possível uma analogia entre o seu trabalho na MPB e o de Bob Dylan na música americana? A meu ver vocês têm muita coisa em comum.

— Acredito que não. Eu acho que o Dylan se preocupa com coisas bem diferentes das que eu costumo me preocupar.

— Depois do Circuito, você tem alguns planos?

— Não, nada de concreto pelo menos, talvez eu faça uma peça de teatro com o Ruy Guerra, mas nada de concreto.

Quando os deixei bem próximo à redação do jornal, a música brasileira do Chico Buarque de Holanda soava forte na minha cabeça.

JEFFERSON DROPE TOMNASI